



Universidade da Amazônia

Entre a Missa e o Almoço

de Arthur Azevedo



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uyb@unama.br

Entre a Missa e o Almoço

de Artur Azevedo

Entreato cômico

Representado no Teatro Recreio Dramático, em 25 de outubro de 1907.

Personagens

A viscondessa

Isaltina

Dudu

Luísa

Laura

Elisiária

Arnaldo Viegas

Pedro

Rio de Janeiro. Atualidade.

Sala em casa da viscondessa. Boa mobília, quadros, objetos de arte, etc. Porta ao fundo dando para o jardim. Duas portas à direita, janela à esquerda.

CENA I

Pedro, depois Arnaldo

(Ao levantar o pano, Pedro, o copeiro da casa, espana os móveis; alguns momentos depois, ouve-se uma campainha elétrica. Ele vai à porta do fundo e olha para fora).

Pedro — Oh! O sr. dr. Arnaldo! Entre, sr. doutor! (Arnaldo entra). Como tem passado vossa senhoria? Vossa senhoria não se lembra de mim? Sou o Pedro... o Pedro, que foi copeiro de vossa senhoria!

Arnaldo — Ah!

Pedro — Tenha a bondade de sentar-se.

Arnaldo — Obrigado. Estou bem.

Pedro — A sra. D. Alice está boa?

Arnaldo — Creio que sim.

Pedro — Não fique querendo mal à sra. D. Alice, não senhor; mas a sra. D. Alice foi muito injusta para comigo.

Arnaldo (quase interessado, a seu pesar) — Por quê?

Pedro — Pois vossa senhoria não se lembra que ela me despediu sem razão?

Arnaldo — Não sei disso.

Pedro — Eu fazia muito bem a minha obrigação; não havia motivo de queixa; entretanto, o pretexto foi que o meu serviço era mau. (Sorrindo). Depois vim a saber de tudo...

Arnaldo (desta vez interessado) — Tudo quê?

Pedro — Quem me disse foi seu Ferreira.

Arnaldo — Quem é seu Ferreira?

Pedro — O homem da venda. A cozinheira contou que eu era "onze letras" de vossa senhoria, que trazia recadinhos em segredo a vossa senhoria... Ora seja tudo por amor de Deus!...

Arnaldo — Bom! Isso não tem importância.

Pedro — Como não tem importância? Tem importância, sim senhor! Eu sou um pobre criado de servir, um homem de cor, mas nunca foi Mercúrio de ninguém!

Arnaldo — Isso lá vai...

Pedro — Nunca tive patroa mais ciumenta que aquela! Vossa senhoria vivia muito apoquentado!

Arnaldo (a quem desagrada a conversa, naturalmente por ser com quem é) — O visconde está em casa?

Pedro — Está sim senhor... está ali (Apontando para a direita baixa), no seu gabinete, ocupado com a sua advocacia!... Oh! O sr. visconde trabalha muito! Às 6 da manhã já está de pé... Senta-se à mesa de trabalho e desunha até às 11, mesmo aos domingos, como hoje!

Arnaldo — Está sozinho?

Pedro — Sozinho. A sra. viscondessa foi ouvir missa ali na matriz. É verdade que a missa está a acabar, e a sra. viscondessa não tarda aí com as amigas.

Arnaldo — As amigas?

Pedro — Sim, senhor. Todos os domingos, depois da missa, ela traz consigo, da igreja, quatro ou cinco senhoras da vizinhança, que vêm tomar café e conversar, aqui na sala, sobre todos os assuntos da semana... é assim uma espécie de folhetim... (Animado por um quase sorriso de Arnaldo) Cortam na pele das outras... e principalmente das outras, que é um gostinho. Se vossa senhoria assistisse, escondido, a uma dessas conversas entre a missa e o almoço, divertia-se a valer! são terríveis! Sabem de tudo quanto se passa na casa alheia! A sra. viscondessa é a que menos fala, mas parece que dá o cavaquinho por ouvir falar. É uma boa senhora, vossa senhoria não acha?

Arnaldo — Acho que você não perderia nada se também falasse menos. Ande, leve o meu cartão ao visconde, e pergunte-lhe se me pode receber.

Pedro (que recebe o cartão, sai pela direita e volta logo depois.) O sr. visconde pede a vossa senhoria que entre. (Arnaldo, que examinava os quadros, sai pela direita baixa. Ouvem-se os sinos da igreja próxima.) Chi! Acabou a missa e a sala não está completamente espanada! (Espana as pressas) A sra. viscondessa, vendo um pouquinho de pé, faz um tempo quente! Bom! Pronto! Agora é tratar do café! (Olhando para fora ao passar pela porta do fundo). Era tempo: aí vem o folhetim'... (Sai pela direita alta).

CENA II

A Viscondessa Isaltina, Dudu, Luísa, Laura e Elisiária

(Bem trajadas todas, mas em cabelo. Traz cada uma o seu livro de missa. A viscondessa vai para os cinquenta. Dudu tem apenas dezessete anos. É mal-educada. Luísa, sua mãe, é quarentona. As outras são senhoras de vinte e cinco a trinta anos.)

A Viscondessa (entrando) — Vão entrando sentem-se. Eu vou lá dentro ver o café. (Entram outras. Dudu vai para a janela).

Elisiária — Viscondessa, não se esqueça de recomendar que tragam a minha xícara com muito pouco açúcar! (A viscondessa sai pela direita alta).

Luísa — Tomara que o de hoje esteja melhor e o do domingo passado. Café, ou muito bom ou nenhum! (De repente, vendo Dudu à janela) Sai da janela, Dudu!

Dudu — Ora, mamãe!

Luísa — Não ouves! (Dudu sai da janela).

Elisiária — Há quatro, não: há cinco!

Laura — Vocês também! Creio que há três!

Elisiária — Há cinco! Tem ouvido muita missa com aquela toilette!

Luísa — Pudera! O marido está pronto!

Dudu — Pronto para quê?

Luísa — "Pronto" quer dizer sem dinheiro.

Dudu — Nesse caso, também papai está pronto...

Luísa — Cala a boca, menina!

CENA III

As mesmas, A Viscondessa, Pedro

(A viscondessa entra da direita alta, acompanhada por Pedro, que traz o café numa bandeja de prata.)

Viscondessa (às senhoras que estão de pé) — Então, sentem-se!
(Estão sentadas todas. Pedro oferece-lhes café. Todas se servem).

Elisiária — Qual é a que tem pouco açúcar?

Pedro — Esta. (Enquanto as senhoras tomam café, Pedro espera ao fundo, com a bandeja na mão. Luísa ao provar a sua xícara, faz uma careta).

Viscondessa — Está bom?

Luísa — Esplêndido!

Laura — Magnífico!

Isaltina — Delicioso!

Dudu, com ironia — Supimpa!

Luísa — Dudu! (Pedro recolhe as xícaras vazias)

Isaltina, pondo a sua xícara na bandeja — Estou tão habituada a este cafezinho depois da missa, que não poderia mais passar sem ele! (Pedro sai pela direita alta, levando a bandeja. Silêncio).

Dudu (solenemente) — Está aberta a sessão! (Todos riem).

Luísa — Dudu!

Viscondessa — Esta menina tem lembranças! Pois bem, está aberta a sessão. Quem pede a palavra!

Isaltina — Eu!

Viscondessa — Tem a palavra.

Isaltina — Quero dar-lhes uma grande novidade.

Todas — Qual?

Isaltina — Uma novidade de sensação! Preparem-se!

Viscondessa — Estamos preparadas.

Isaltina — A Alice Viegas separou-se anteontem do marido!

Todas — Hein!

Viscondessa — Que está dizendo, Isaltina? Isso pode lá ser!

Luísa — Não é possível!

Isaltina — É o que lhes digo: separaram-se! A Alice está em casa dos pais, no Andaraí. Vão tratar do divórcio!

Viscondessa — Quem lhe deu essa notícia?

Isaltina — Pessoa fidedigna: o médico da casa que assistiu, sem querer, ao final da cena de rompimento, e depois foi ao Andaraí para ver a Alice, que estava excessivamente nervosa.

Viscondessa — O Dr. Getúlio?

Isaltina — Esse mesmo. Como sabem, é meu compadre. Foi, como todos os sábados jantar comigo ontem e contou-me tudo.

Dudu — Ora! Briga de marido e mulher não dura. Qualquer dia têm saudades. um do outro e fazem as pazes!

Luísa — Cala a boca menina!

Viscondessa — É difícil de acreditar! O Arnaldo Viegas vivia com a mulher como dois pombinhos...

Laura — Não quer dizer nada.

Isaltina — As aparências iludem. Eles ultimamente não se podiam ver...

Elisiária — Pode ser tudo verdade. A minha engomadeira, que serviu em casa deles não há muito tempo, disse-me que andavam sempre como o cão e o gato.

Viscondessa, em tom repreensivo — E você calada, Elisiária?

Elisiária — Esqueci-me de lhes dizer.

Isaltina — Em todo o caso, não creio que a razão esteja com o marido...

Dudu, arrebatadamente — Por quê?

Luísa — Cala a boca, Dudu! Não te metas onde não és chamada!

Laura — Conheço perfeitamente Alice; fomos companheiras de colégio; é uma senhora acima de qualquer suspeita.

Elisiária — Quem sabe lá? Tem se visto tanta coisa extraordinária!...

Viscondessa — Sim, tem-se visto muita coisa... mas não há dúvida que até hoje ninguém lembrou de dizer mal de Alice.

Isaltina, apoiando — Ninguém. Não gosto dela nem ela de mim, mas devo ser justa! Ninguém, nem mesmo nós!...

Laura — Por que é que você não gosta dela? Alice é tão boazinha!...

Isaltina — Não duvido; mas de tempos a esta parte começou a tratar-me por cima do ombro, fingindo que não me vê quando me encontra em qualquer parte, minha amiga, mas não me quis dizer por que.

Dudu — Então seria melhor que não a prevenisse!

Luísa — Cala a boca, Dudu!

Dudu — Eu, quando me tratam mal, quero por quê!

Luísa — Então?

Dudu — Ora, mamãe! Estou dizendo alguma asneira?

Luísa — Estas conversas não são para senhoritas.

Dudu — Então por que a senhora me trouxe? (Vai de mau modo para a janela).

Isaltina — Sou tão superior a essas pequenices, que a defendo, mesmo sem conhecer os motivos da separação!

Viscondessa — Conheço de perto o Dr. Arnaldo, que é contraparente do visconde. É um moço distintíssimo, correto, bem-educado, e nada consta que o desabone.

Elisiária — A Alice tem um grande defeito.

Todas (com interesse) — Qual?

Elisiária — É muito ciumenta. A esse respeito a minha engomadeira contou-me coisas muito interessantes.

Luísa (vendo Dudu à janela) — Dudu, sai da janela! Oh, que menina teimosa!...

Viscondessa — Deixa-a. Que tem?

Luísa — O filho do Oliveira estava na igreja e não tirava os olhos dela. Naturalmente anda a rondar. — Dudu!

Dudu (saindo da janela) — Ora, mamãe!... Não sei o que faça!... Se fico aqui, não devo ouvir a conversa, que é gênero livre; se vou para a janela, não devo estar na janela! Que coisa! (Senta-se amuada a folhear um álbum de retratos).

Luísa — Coisa ruim!...

Laura — Também eu creio que sejam os ciúmes o motivo da separação. O Dr. Viegas vivia num cortado!

Isaltina — Minha cara, não há desconfiança de esposa que não tenha razão de ser. Isso de ciúmes infundados é uma história inventada pelos senhores homens. A Alice era ciumenta porque provavelmente o marido lhe dava razão para isso.

Viscondessa — Deus me livre de defender homens, mas não de convir; há casos em que a injustiça de certas senhoras...

Isaltina — As vítimas somos sempre nós!

Elisiária — Sempre? Isso é muito absoluto!

Isaltina — Será, mas é assim mesmo. Nesse ponto sou intransigente. Defendo contra os homens até as minhas próprias inimigas!...

Viscondessa — É levar muito longe o feminismo ou o espírito do sexo.

Isaltina — Não há maridos irrepreensíveis... e compreende-se: eles saem, vão a toda são parte, são livres, e não há ninguém que não abuse da liberdade... Isso está na massa do sangue humano... E nós ficamos em casa, metidas entre paredes...

Dudu — Entre quatro paredes? Pois sim! Há senhoras casadas que apanhando os maridos na rua...

Luísa — Cala a boca, Dudu.

Isaltina — Se o Dr. Arnaldo Viegas aparecesse aqui neste momento, eu interpelá-lo-ia e vocês veriam se tenho ou não tenho razão! (Abre-se a porta da direita baixa e aparece Arnaldo Viegas. Espanto geral. Todas as senhoras se levantam.)

CENA IV

As mesmas, Arnaldo Viegas

Arnaldo (tomando a cena depois de uma larga pausa) — O Dr. Arnaldo Viegas aqui está, minha senhora, e pronto para responder à interpelação... Ouvi sem querer... Estava naquele gabinete em conferência com o visconde, e ao sair...

Viscondessa — Não sabíamos. A sua presença foi para nós uma surpresa, e o seu aparecimento produziu um efeito verdadeiramente teatral (rindo-se). Mas não faça caso do que disse a Isaltina.

Isaltina — Ah! Eu não recuo, viscondessa! Os homens não metem medo!...

Arnaldo — O mesmo não digo eu das mulheres, mas faz v. exa. muito bem e, uma vez que deseja interpelar-me, interpele-me à vontade!

Dudu — Quero ver como D. Isaltina descalça essa bota!

Luísa — Dudu!

Arnaldo — O assunto da interpelação não pode ser outro senão o lamentável incidente, que se acaba de dar na minha casa, e do qual foi testemunha, em parte, o Dr. Getúlio, compadre de v. exa. — mas vossas excelências estavam sentadas... levantaram-se quando eu entrei... queiram sentar-se. Também eu me sento. (Sentam-se todos). Pois, é verdade, minhas senhoras, separei-me de minha mulher. Era dela que falavam? Destruí todo o meu laborioso sonho de futuro...

"Destruí" é um modo de dizer: destruído estava ele há muito tempo. Agora mesmo solicitei do visconde que se encarregasse do meu processo de divórcio...

Divórcio?

Quando poderia eu pensar que o meu amor tivesse um epílogo judiciário! (Silêncio). Enganei-me? Não era esse o objeto da interpelação?

Isaltina — Era, sim, senhor. Eu defendi sua senhora. O doutor bem sabe que ela, não sei por que, deixou de simpatizar comigo; portanto, não sou suspeita... Qual dos dois é o culpado? Ela? Duvido!

Arnaldo — Somos culpados ambos, ela e eu. Ela, porque era injusta, porque fazia da nossa casa um inferno e não me deixava trabalhar, e porque, casado há quase três anos, não tratei de corrigir desde os primeiros dias, os seus defeitos

De educação. Alice entendeu que eu deveria ser, não o seu esposo, não o seu companheiro, amante, leal e dedicado, mas o escravo dos seus caprichos, das

suas fantasias, das suas ilusões. Fiz todos os esforços para viver só para ela e para o trabalho, mas não consegui. Se continuássemos ligados um ao outro, em pouco tempo estaríamos velhos e gastos. Não nos compreendíamos, e já não nos amávamos. Não tínhamos filhos, éramos ricos, o melhor que podíamos fazer era procurar cada qual outro rumo. Foi o que fizemos.

Isaltina — Mas Alice é uma senhora honesta.

Arnaldo — Quem diz o contrário? Posso dar o melhor testemunho da sua honestidade, empregando a palavra honestidade na acepção em que v. exa. a empregou, isto é, tenho certeza de que Alice, depois de casada, nunca pensou noutro homem que não fosse eu.

Luísa — Dudu, vai para a janela.

Dudu — Que coisa! (Vai para a janela).

Arnaldo — Ela é honesta, e também eu o sou, conquanto, ela e v. exas. não creiam. (Murmúrios de protestos). Mas a honestidade não basta para fazer a ventura de um casal; é preciso também o amor. Desde que este desapareceu para dar lugar à mentira e à hipocrisia, só as conveniências sociais me obrigariam a aceitar uma situação intolerável e eu — com perdão de v. exas. — declaro que não sacrifico a minha vida à sociedade, nem o meu quinhão de felicidade a essa moral despótica que é a desgraça dos fracos. Não sou fatalista, não creio na boa ou má sorte dos indivíduos, e acho que toda a criatura humana, quando mais não seja senão pelo instinto de conservação, tem o direito de remover quantos obstáculos as circunstâncias oponham à sua felicidade. O destino é um preconceito.

Viscondessa — Mas não me parece que o seu caso seja caso para divórcio.

Arnaldo — O divórcio não foi instituído exclusivamente para os desonestos. Serve também para os infelizes... para os que se ligaram por um equívoco. Apenas lamento que o não tenhamos ainda absoluto e completo e Alice e eu não possamos recobrar senão parte da nossa liberdade.

Laura, tristemente — Alice era muito ciumenta.

Arnaldo — Ainda bem que v. exa. o sabe. Foram os seus ciúmes que envenenaram a nossa existência conjugal e deram cabo do nosso amor. Não eram zelos, que os zelos são um condimento melindroso de toda a afeição sincera; eram ciúmes, ciúmes terríveis, extravagantes, absurdos, odiosos, — ciúmes que me ofendiam profundamente e muitas vezes me colocavam numa situação desairosa e ridícula, — ciúmes de todas as senhoras com que eu falava — ciúmes das mulheres desconhecidas que se sentavam a meu lado no bonde ou no teatro: — ciúmes das amigas, das parentes, das criadas e até das cozinheiras....

Isaltina — Não é crível que tantos ciúmes fossem à toa, não é crível que o doutor não lhe tivesse dado, ao menos, uma vez, razão para...

Dudu, deixando a janela — Isso agora é impertinência!

Luísa — Dudu!...

Arnaldo (depois de uma pausa, tomando uma resolução e aproximando a sua cadeira da de Isaltina) — Ouça bem, minha senhora, e responda. Invertamos os papéis, agora quem interpela sou eu. Uma noite tive a honra de encontrá-la no Casino, durante uma partida, do Clube dos Diários, e troquei algumas palavras com v. exa. lembra-se?

Isaltina — Perfeitamente. Foi o ano passado.

Arnaldo — Pois bem, as minhas palavras foram inconvenientes?... Eram palavras que v. exa. não pudesse ou não devesse ouvir?

Isaltina — Oh, doutor!... essa pergunta!...

Arnaldo — Peço a v. exa. que me responda: algum dia faltei ao respeito devido a v. exa.?

Isaltina — Nunca...! Nem eu o permitiria!

Arnaldo — Algum dia estive a sós com v. exa.?

Isaltina — Comigo?! Nunca!

Arnaldo — Algum dia v. exa. recebeu carta minha ou recado meu? Algum dia lobrigou nos meus olhares ou nos meus gestos a manifestação de um desejo impuro?

Isaltina — Nunca!

Arnaldo — Pois bem, na opinião da minha mulher, v. exa. foi minha amante! (Levanta-se).

Todas — Oh! (Levantam-se todas, menos Isaltina).

Arnaldo — Ela muitas vezes lançou à cara os meus amores com v. exa. e fartou-se de dizer a muita gente, inclusive ao Dr. Getúlio, compadre de v. exa. Pergunte-lho!

Isaltina — Estou petrificada!

Viscondessa — O caso não é para menos.

Arnaldo — Creio que me justifiquei perfeitamente. Peço a v. exas. permissão para me retirar.. Viscondessa... minhas senhoras... (Cumprimenta).

Todas — Doutor... (Arnaldo sai).

CENA V

As mesmas, menos Arnaldo

Isaltina (levantando-se e prorrompendo em pranto) — Por esta não esperava eu!

Dudu — Pois eu esperava!

Luísa — Dudu!

Viscondessa — Não chore... Não há razão para tanto!...

Isaltina — Estou muito nervosa.

Viscondessa — Isso passa, não é nada. Minhas amigas, o Dr. Arnaldo Viegas respondeu tão bem à interpelação que podemos, creio, votar uma moção de confiança.

Todas (menos Isaltina) — Apoiado!

Dudu — Está levantada a sessão!

Fim